

O Facebook como campo empírico estendido em um estudo de caso com alunos do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFCE – Campus Fortaleza: discussões de ordem ética em pesquisa

Alexandre Vieira
IFRS - UFRGS
alexandre.vieira@poa.ifrs.edu.br

Resumo: Este trabalho discute questões de ordem ética, a partir do uso do Facebook enquanto extensão do campo empírico de investigação. Tem por base a pesquisa de doutorado em andamento, a qual aborda a formação profissional em música e centra-se na compreensão das trajetórias formativas dos alunos do Curso Técnico em Instrumento Musical, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – Campus Fortaleza. O texto parte do princípio de que as redes sociais virtuais devem ser compreendidas não mais como uma dimensão oposta às relações presenciais (*on-line versus off-line*), mas como parte integrante e indissociável das sociabilidades da vida contemporânea. No decorrer do texto é narrado o desenvolvimento das inter-relações entre pesquisador e pesquisados através Facebook, as quais vêm não somente facilitando a inserção do primeiro no espaço presencial, mas, e principalmente, qualificando a experiência de ambos no decorrer da pesquisa. Entretanto, novos e complexos problemas de ordem ética emergem deste processo. Como exemplo, discute-se a sobreposição do campo empírico para com a vida privada do pesquisador dentro das redes sociais virtuais, assim como os dilemas enfrentados no desenvolvimento de critérios para a manipulação dos conteúdos *on-line* dos colaboradores da pesquisa. Conclui-se, assim, a necessidade de constante e sistemática reflexão a respeito do papel do pesquisador, na medida em que o plano virtual impõe novos e dinâmicos desafios metodológicos e éticos.


Palavras chave: ética em pesquisa; pesquisa na Internet; redes sociais virtuais; formação profissional em música; trajetórias formativas.

Introdução

A presente comunicação objetiva debater questões de ordem ética, implicadas no uso do Facebook¹ como parte estendida do campo empírico de investigação. Tem por base

¹ O Facebook foi um sistema criado em 2004, pelo norte-americano Mark Zuckerberg, enquanto este era aluno da Harvard University. Segundo Recuero, a ideia de Zuckerberg era de “focar em alunos que estavam saindo do secundário (High School, nos Estados Unidos) e aqueles que estavam entrando na universidade. [...] O Facebook funciona através de perfis e comunidades. Em cada perfil, é possível acrescentar módulos de aplicativos (jogos, ferramentas, etc.). O sistema é muitas vezes percebido como mais privado que outros sites de redes sociais, pois apenas usuários que fazem parte da mesma rede podem ver o perfil uns dos outros.





minha pesquisa de doutorado em andamento, cujo tema é a formação profissional em música e centra-se na compreensão das trajetórias formativas dos alunos do Curso Técnico em Instrumento Musical (CTIM), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) – Campus Fortaleza.

O uso do Facebook como parte estendida do campo empírico de investigação colocou a mim questões de ordem ética, as quais senti a necessidade de desenvolver uma reflexão mais prolongada, pois percebi que estava diante de uma nova configuração de situação de pesquisa, o que necessariamente implicaria em uma revisão de procedimentos.

Acompanho o pensamento de autores contemporâneos quando tomam a internet - e, por extensão, as redes sociais virtuais - compreendida não mais como um não-lugar, mas como um espaço de produção de sentido e, portanto, portador de significados. Polivanov, por exemplo, apesar de reconhecer as singularidades dos ambientes *on-line* e *off-line*, afirma que estes "não podem mais ser tratados de forma dicotômica, opondo-se o virtual e o 'real'" (2013, p. 69).

Corrêa, ao realizar um estudo de caso no qual investiga o uso do Facebook por um programa de televisão da rede pública, conclui, entre outros pontos, que este lhe confere um aumento substancial de visibilidade, audiência e popularidade. A partir de revisão bibliográfica a respeito do tema, a autora afirma que:


[...] as redes sociais virtuais invadiram a vida das pessoas de tal forma que hoje elas ocupam parte do tempo dos indivíduos em sociedade e acabam modificando as maneiras que os mesmos têm de se relacionar, de entender e de perceber os acontecimentos decorrentes do mundo (CORRÊA, 2013, p. 58).

Conhecendo o campo

O Curso Técnico em Instrumento Musical [CTIM], do IFCE – Campus Fortaleza, é oferecido na modalidade concomitante ao ensino médio, com duração de quatro semestres.

Outra inovação significativa do Facebook foi o fato de permitir que usuários pudessem criar aplicativos para o sistema" (RECUERO, 2009, p. 171-172).





Na ocasião do ingresso, os alunos devem optar pelo estudo de um instrumento, podendo este ser flauta doce, flauta transversa, teclado ou violão. As aulas são presenciais e ocorrem no turno da manhã.

O recorte geracional facilmente identificável neste campo permite reconhecer que a grande maioria dos estudantes que ali se encontram são familiarizados com um mundo em que as mídias digitais estão plenamente integradas à vida cotidiana. A compreensão da complementaridade destas duas dimensões, presencial e virtual, revela-se como um diferencial na captação e interpretação de detalhes de suas trajetórias formativas. Tais trajetórias são abordadas aqui tanto no sentido diacrônico (biográfico), como no sincrônico (relacional), observáveis, também, através dos usos que estes agentes fazem das redes sociais virtuais.

Minha primeira visita ao curso ocorreu em maio de 2014. No decorrer de três dias, realizei observações, conversei com alunos, tanto em grupo, durante as aulas, como individualmente ou em pequenos grupos, antes ou depois destas. Pude constatar que o corpo discente do CTIM é constituído em sua maioria por jovens adultos, cuja idade orbita pela faixa dos vinte anos e que já concluíram o ensino médio (não obstante este ser oferecido, como referi, na modalidade concomitante). As aulas ocorrem predominantemente na Casa das Artes, prédio do IFCE – Campus Fortaleza, na qual também comporta o curso de Licenciatura em Teatro. Um ar de descontração e informalidade pode ser facilmente percebido em seus espaços de circulação e jardins externos, onde bancos e arbustos propiciam momentos de sociabilidade entre os estudantes.

Meu acesso a esse ambiente possivelmente tenha sido facilitado pelo fato de também ser professor de música de um Instituto Federal. Assim, tanto a coordenação, como os demais docentes e discentes mostraram-se receptivos à mim e às minhas intenções de pesquisa, de modo que, ainda que com um tempo diminuto, tive a oportunidade de fazer contatos qualificados e recolher alguns dados preliminares com 18 alunos, em sua maioria cursando o segundo e terceiro semestre.



Construindo a dimensão virtual do campo


Ao regressar de Fortaleza, enviei uma solicitação para ser adicionado ao grupo do curso no Facebook, cuja administração fica a cargo da coordenadora do CTIM. Ao ser aceito como membro deste, tive acesso aos conteúdos ali publicados, os quais são compostos de informações institucionais, tais como detalhes do calendário acadêmico, cancelamentos e recuperação de atividades. A página também serve como ambiente de interação entre os diversos agentes do curso: professores, alunos e até ex-alunos. Neste sentido, pude lá encontrar troca de conteúdos musicais nos mais variados formatos: divulgação de eventos musicais, ligados ou não à produção dos alunos e professores; venda e troca de equipamentos e instrumentos; oportunidades de trabalho e uma série de outras informações e materiais compartilhados entre seus membros, com os quais se podem captar movimentos e sociabilidades.

Paralelamente, conforme havia anunciado que faria na ocasião de minha primeira estadia em Fortaleza, enviei solicitações individuais para cada aluno com o qual havia travado contato presencial, a fim de obter um canal direto para além da página do curso. Ao todo, 18 alunos, com os quais havia contactado previamente, me adicionaram às suas redes. A partir deste momento tive acesso às publicações de suas “linhas de tempo”, ou seja, passei a acompanhar tanto seus movimentos recentes pela rede social, como a visualizar suas publicações mais antigas. Em contrapartida, os conteúdos de minha página pessoal ficaram acessíveis a todos, configurando-se então em uma rede onde, potencialmente, todos observam e são observados. Assim, pesquisador e pesquisados passaram a desconstruir as tradicionais posições ativas e passivas entre sujeito e objeto, respectivamente.

Conduta ética do pesquisador nas redes sociais

A partir desta configuração, percebi que se fazia necessária uma revisão de conduta na rede, especialmente no Facebook, pois minha vida privada e meu campo empírico passaram a coabitar em um mesmo no plano virtual. Como entre meus colaboradores encontram-se pessoas das mais variadas orientações religiosas, políticas e sexuais, adotei o





procedimento de realizar filtragens nas publicações afixadas em minha página, especialmente com relação a estes e demais temas comumente polêmicos nas redes sociais. Por outro lado, concluí que adotar uma posição de neutralidade, ou melhor, de invisibilidade, não contribuiria para o desenvolvimento de relações de dialogicidade com os sujeitos investigados. O ponto de equilíbrio entre estes dois polos passou a ser objeto de constantes reflexões, onde cada nova situação requeria ser analisada dentro das circunstâncias às quais se apresentassem.

Ainda que gostos musicais geralmente demarquem “territórios de diferenças e conflitos” (TRAVASSOS, 2002) das mais variadas ordens², percebi que tanto nas interações presenciais, como nas virtuais, o respeito e a cordialidade entre culturas musicais distintas, ao menos na camada mais aparente, predomina entre os diversos agentes do curso, seja no contato face a face, seja nas redes sociais virtuais. Encontrei, portanto, nos conteúdos diretamente ligados à música um ponto de aproximação com estes sujeitos, o que contribuiu no desenvolvimento, ainda que sutil, de laços de identificação mútua. De fato, o interesse comum por música une a todos nesse campo, incluindo a mim.

Assim, ao longo do tempo que me separa desta inicial inserção de campo no plano virtual, conduzi meu comportamento na rede social de maneira discreta, não invasiva, mas sempre atenta aos sinais de aproximação no que tange aos interesses da pesquisa. Curti³, comentei e, eventualmente, compartilhei conteúdos musicais como áudios e vídeos, divulgação de shows e mostras, mensagens, memes⁴, etc., dando principal atenção às atividades musicais dos alunos, dentro e fora do curso. De modo equivalente, parte dos

² A esse respeito, Travassos escreve: “Uma das constatações paradoxais a respeito da música é ela ser, simultaneamente, o que une e o que separa. A música congrega e identifica [...] e é, ao mesmo tempo, a mais ‘classante’ das artes – na expressão de Pierre Bourdieu” (2005, p. 11).

³ Abaixo de cada publicação do Facebook há três opções: curtir, comentar e compartilhar. Cada vez que algum usuário “curte” uma publicação, esta, além de ficar em destaque, acumula “curtidas”. Este sistema serve de parâmetro de popularidade tanto para a postagem em si, como para quem a publicou.

⁴ A expressão “meme” é utilizada no mundo da internet para caracterizar uma ideia ou conceito, que se difunde rapidamente. Esta pode ser uma frase, link, vídeo, site, imagem, entre outros, os quais se espalham por intermédio de e-mails, blogs, sites de notícia, redes sociais virtuais e demais fontes de informação. O termo, cunhado por Richard Dawkins em 1976, no seu livro *The Selfish Gene*, refere-se a uma unidade de informação com capacidade de se multiplicar, tal como o gene o faz de indivíduo para indivíduo. Fontes: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Meme_\(Internet\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Meme_(Internet)) e <http://www.significados.com.br/meme/>



alunos interagiu comigo, revelando-se como um indício de que estes poderiam ser futuros colaboradores diretos de minha pesquisa, o que em parte se confirmou.

Como exemplo, trago um trecho extraído do diário de bordo por ocasião de minha segunda ida à Fortaleza. Trata-se de uma cena ocorrida no horário de intervalo entre as aulas.

O primeiro com quem falei foi o Aluno III⁵, do SIV, e logo se juntou a nós o Aluno V do SIII⁶. Entre alguns breves assuntos, Aluno V me perguntou se já havia vendido a guitarra que tinha anunciado no Facebook (uma Gibson, semiacústica, fetiche de muitos guitarristas). Deste assunto surgiu logo uma conversa animada e cheia de cumplicidade entre nós três a respeito de instrumentos musicais e o fascínio em comum para com eles. Relembrando este breve instante, percebo o potencial interativo daquilo que estou chamando de *campo estendido*, quando me refiro à minha relação via internet com os alunos do curso. A cumplicidade estabelecida desta conversa, que poderia soar trivial, me deu abertura junto aos dois para brevemente lembrá-los a respeito da pesquisa e sondar a possibilidade de fazer uma entrevista. Com o Aluno III, quando conversamos por e-mail, teria ficado mais ou menos combinado que tentaríamos arrumar um horário para conversar. Assim marcamos para quarta, 08/10, 9h30. Com o Aluno V, ao nos dirigirmos para a sala da Banda Pop, combinamos na quinta, 09/10, depois das 9h30 (Diário de Bordo, 07/10/2014).

Diante da dimensão *on-line*, reconhecida como extensão de meu campo empírico, outros desafios passaram a se impor. Um destes seria o de estabelecer critérios que definissem até que ponto poderia manipular as informações dispostas na rede por meus colaboradores e confiadas a mim. Tanto na página do curso, como nas páginas pessoais dos alunos, é possível, como mencionado, ter acesso a conteúdos que são indícios, rastros, pistas de suas identidades. Estes elementos, além de me colocar constantemente em contato com o campo, auxiliam a captação e compreensão dos sentidos dos seus movimentos formativos musicais. Porém, o fato de ter acesso a estas informações – algumas delas, como são recorrentes nas redes sociais virtuais, carregadas de sentido com forte cunho confessional –, não me dá automaticamente o direito compulsório de manipular tais conteúdos.

⁵ A utilização do nome verdadeiro ou de pseudônimos entre os entrevistados é uma questão ainda em aberto em minha pesquisa. Por hora, adoto aqui o nome genérico de “Aluno”, seguido de um número romano, o qual indica a ordem com que este fora entrevistado. Por exemplo, o Aluno III foi o terceiro a dar seu depoimento.

⁶ É corrente no curso a utilização das siglas SI, SII, SIII e SIV para identificar o semestre correspondente no currículo.



Sobre esta questão, Fragoso, Recuero e Amaral (2013) escrevem que a pesquisa realizada na internet reposiciona uma série de dilemas éticos. Segundo as autoras:

Isso é particularmente evidente por ocasião da coleta e análise de dados disponibilizados na rede, que solicita o questionamento sobre o que é e o que não é público e, por consequência, passível de trabalho e divulgação nos resultados da pesquisa (p. 21).

Nesse sentido, tenho procurado extrair os dados com os quais pretendo trabalhar sempre a partir dos depoimentos colhidos. Quando alguma questão significativa emergiu de minha relação com o plano virtual do campo, procurei abordá-la nas entrevistas. A partir daí, e sob ciência e consentimento de meus colaboradores, essa informação passa a se transformar em dado para a pesquisa.


Esse foi o caso de um vídeo publicado pelo Setor de Multimeios do IFCE – Campus Fortaleza, no site www.youtube.com, o qual contém o recital de encerramento do semestre 2013/2 e apresenta as atividades desenvolvidas na disciplina Música em Conjunto⁷ - Banda Pop. Ali encontrei uma longa e emocionada fala da Aluna I, a qual agradecia pelas aprendizagens e amizades vivenciadas no decorrer do curso. Percebi neste depoimento um grande potencial para abordar, junto a ela, questões a respeito de sua experiência formativa naquele espaço. Ao marcarmos a primeira entrevista, enviei-lhe a transcrição integral dessa fala. Assim, esse material se transformou em mote inicial desse encontro, bem como, de certa maneira, estruturou seu depoimento.

Conclusão

A interação *on-line*, enquanto domínio não distinto da vida cotidiana (FRAGOSO; RECUERO e AMARAL, 2013, p. 172), tem se configurado como uma dimensão não apenas válida para a análise e compreensão da vida social, mas também como, cada vez mais,

⁷ Em conversa pelo chat do facebook, a Coordenadora do Curso esclarece o funcionamento desta disciplina: “As disciplinas Música em Conjunto I e II são respectivamente do 3º e 4º semestres do curso. [...] Em MUC I o aluno deve optar por uma das modalidades que estiverem sendo ofertadas - Grupo de Flautas, Grupo de Violões, Banda Pop, Grupo de Teclados, Madrigal, etc. Na modalidade escolhida o aluno será avaliado para efeito de cumprimento da disciplina, mas havendo compatibilidade de horário, ele poderá participar como voluntário das outras modalidades.”





indissociável desta. Entretanto, faz-se necessária constante e sistemática reflexão a respeito do papel do pesquisador, "seus direitos e deveres em relação aos sujeitos pesquisados" (idem, p. 22).

Em minha pesquisa, o *Facebook* se tornou mais do que um encurtador de distâncias ou um canal de contato com meus colaboradores. Tornou-se uma das dimensões de meu campo, uma extensão deste, um espaço passível de ser acessado a qualquer momento, porém, permeado pelas lógicas de comportamento próprias deste ambiente (JOINSON, 2005).

Novos e complexos problemas de ordem ética se impõem, exigindo uma constante busca, onde não há porto seguro, pois as situações vividas *on* e *off-line* são dinâmicas e contextuais, como o é a trama social. Assim, pela dimensão e emergência do tema da pesquisa em redes sociais para a Educação Musical, haja visto a quantidade de sociabilidades mediadas pela música nestes espaços, espero que esta comunicação possa contribuir para reflexões de ordem metodológica e ética em nossa área.



Referências

CORRÊA, Rochele Tonello Zago. *TV Brasil e as redes sociais virtuais: o programa Estúdio Móvel no Facebook*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Porto Alegre, BR-RS, 2013.

JOINSON, Adam N. Internet Behaviour and the Design of Virtual Methods. In: HINE, Christine (Org.) *Virtual Methods: Issues in Social Research on the Internet*. Nova York: Berg, 2005. p. 21-34.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. 2011. *Métodos de pesquisa para Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2013.

POLIVANOV, Beatriz. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. *Esferas: Revista interprogramas de Pós-Graduação em Comunicação do Centro Oeste*. Ano 2, n. 3, jul./dez. 2013, p. 61 – 71. Disponível em: <<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/4621>> Acesso em: 05 outubro 2014.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

TRAVASSOS, Elizabeth. Perfis culturais de estudantes de música. In: Congreso Latinoamericano de la Asociación Internacional para el Estudio de la Música Popular, 4., 2002, México. *Anais...IASPM*, 2002. Disponível em: <http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/1339/mod_resource/content/1/04_Travassos_fichamento.pdf>. Acesso em: 25 dez. 2014.

_____. Apontamentos sobre estudantes de música e suas experiências formadoras. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 12, 11-19, mar. 2005.

